



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS
MASSAS

Órgão do Partido Operário Revolucionário
Membro do Comitê de Enlace pela
Reconstrução da IV Internacional
☎ (11) 95446-2020 - @massas.por
#19/2026 - 9 de agosto - pormassas.org



Manifesto do Partido Operário Revolucionário

SÓ UM LEVANTE OPERÁRIO, POPULAR E ESTUDANTIL PODE REDUZIR A JORNADA DE TRABALHO E ACABAR COM A ESCALA 6X1

**CONTRAPOR-SE ÀS MANOBRAS GOVERNAMENTAIS ENTRE
LULA E ALCOLUMBRE**

**NENHUMA CONFIANÇA NO CONGRESSO NACIONAL E NOS
POLITIQUEIROS DE PLANTÃO**

CONFIAR APENAS EM NOSSAS PRÓPRIAS FORÇAS!

**QUE AS DIREÇÕES NÃO SUBMETAM OS SINDICATOS ÀS DISPUTAS
ELEITORAIS!**

**QUE AS CENTRAIS, SINDICATOS E MOVIMENTOS CONVOQUEM UM
DIA NACIONAL DE LUTA, COMO PARTE DA PREPARAÇÃO DA GREVE
GERAL PARA IMPOR A REDUÇÃO DA JORNADA SEM REDUÇÃO DOS
SALÁRIOS E AVANÇAR NA DEFESA DO PROGRAMA DE
REIVINDICAÇÕES DOS EXPLORADOS!**

A luta pela redução da jornada de trabalho e fim da escala 6x1 é a forma pela qual se manifesta atualmente a guerra de vida ou morte do trabalho contra o capital. Quando se aprovam reformas como a trabalhista e a da previdência, é o capital que está vencendo o trabalho, são os ricos e poderosos, com ajuda dos governos, juízes e parlamentares, que estão ficando ainda mais ricos e poderosos. Quando os trabalhadores se organizam, lutam, fazem greves, param a produção e afetam o bolso dos capitalistas, é o trabalho que está derrotando o capital. Mas para o trabalho superar o capital é preciso que os trabalhadores, os explorados, lutem no seu próprio campo de batalha, com seus próprios métodos. As disputas parlamentares são o terreno do inimigo.

Passados quase três meses da aprovação da PEC 221/2019 na Câmara dos Deputados, o texto que extingue a escala 6x1 e reduz a jornada de 44 para 40 horas semanais, sem redução de salário, segue represado no Senado Federal. O presidente da Casa, Davi Alcolumbre, optou por não levá-lo direto ao plenário e o encaminhou às comissões, enquanto recebia, ainda em maio, representantes do patronato que pediam explicitamente que a votação só ocorresse depois das eleições de outubro. Paralelamente, a oposição burguesa bolsonarista articula uma PEC concorrente, de autoria do senador Rogério Marinho (PL-RN), que não acaba com a 6x1 nem reduz a jornada máxima: propõe apenas um regime de remuneração fracionada por hora, uma isca para dividir o movimento.

Os números do DIEESE explicam a urgência: 64% dos trabalhadores formais no país cumprem jornadas acima de 40 horas semanais, milhões cumprem jornadas de mais de 44 horas semanais, e 14,8 milhões de pessoas — um em cada três ocupados — estão hoje submetidos à própria escala 6x1, concentrados nos setores de transporte, hospedagem, alimentação, comércio e industrial.

As direções sindicais, por sua vez, não podem se limitar à panfletagem e às reuniões protocolares. A CUT, principal central sindical e que reúne um grande número de sindicatos, convocou uma “semana de mobilização” e fala em “uma série de panfletagens, diálogos com a população e atos públicos em diferentes regiões do estado”. Toda força à mobilização independente dos governantes e contraposta ao jogo eleitoral. O papel da maior central sindical deve ser o de organizar manifestações por todo o país. Para isso, deve chamar as assembleias nos sindicatos e organizar as greves e paralisações pela redução da jornada e fim da 6x1. O chamado da CUT ainda diz que essas mobilizações são para pressionar o Congresso Nacional. Ora, para pressionar de fato o Congresso e os patrões (que estão em campanha contra a proposta) é preciso atacar o poder econômico, mexer no bolso deles, e isso só se faz parando a produção.

É importante perceber que na disputa eleitoral existem aqueles que se colocam abertamente contra o fim da escala 6x1, como Renan Santos do partido Missão, antigo MBL, e Flávio Bolsonaro, e aqueles que fazem demagogia com a proposta, como Lula, o PT, o PSOL e outros, já que tiveram quatro anos de mandato para trabalhar pela redução da jornada e nada fizeram. Nossa luta é para implantar imediatamente a redução da jornada sem redução dos salários. Os trabalhadores devem erguer-se em defesa dos empregos e salários com suas próprias forças. É assim que conquistaremos a redução da jornada e

acabaremos com a exaustiva escala de trabalho.

Essa luta não pode ficar isolada, são diversos problemas que massacram o trabalhador. O movimento pelo fim da 6x1 deve estar ligado ao combate à terceirização, que cria empregos precários e constantes demissões, deve estar ligado ao combate às outras escalas exaustivas disfarçadas de “flexibilização”, como a 12x36, deve estar ligado à defesa de um salário mínimo vital que sustente de fato uma família trabalhadora, hoje calculado pelo DIEESE em R\$ 7.855,40. O dia 11 de agosto, Dia do Estudante, também deveria estar voltado para essa luta, afinal são principalmente os jovens que são massacrados nas jornadas de trabalho exaustivas. Essa luta também deve estar ligada à defesa dos trabalhadores oprimidos do mundo todo, como na Palestina, onde os pobres, mulheres e crianças são diariamente bombardeados pelo exército de Israel, apoiado pelos EUA. Se o capital e os capitalistas são unidos no mundo todo, os trabalhadores também devem ser.

Que as centrais sindicais, os sindicatos, os movimentos populares e estudantis saiam do terreno eleitoral e passem para a luta de fato. Que convoquem um verdadeiro Dia Nacional de Luta, organizando as assembleias para aprovar as paralisações e greves, que convoquem manifestações massivas nas grandes cidades do país. É preciso preparar as condições para uma greve geral. Esse é o caminho seguro para a vitória.

O Partido Operário Revolucionário (POR), que tem como porta-voz o Boletim Nossa Classe, defende que a redução da jornada de trabalho e fim da escala 6x1 só poderão ser impostos aos capitalistas e aos governos através da ação coletiva, organizada e massiva dos trabalhadores.

Toda força à mobilização nacional voltada a organizar um Dia Nacional de Luta, com paralisações e manifestações massivas de rua!